

APRESENTAÇÃO

PABLO QUINTERO¹
EDITOR

Desde que começou a sua trajetória no universo das publicações acadêmicas no Brasil, em 2007, a *Espaço Ameríndio* tem se consolidado como um importante fórum de discussões acerca das principais problemáticas que envolvem a etnologia indígena no Brasil. Com mais de duzentos artigos publicados ao longo de treze anos e vinte e seis números até o momento, a relevância da revista pode ser atestada pelo expressivo conjunto de referências aos textos aqui publicados, que passaram a dialogar tanto com especialistas nacionais como estrangeiros. Convém ressaltar, ainda, como indicador expressivo do impacto da publicação vinculada ao Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NIT-UFRGS), que o público de leitoras e leitores da revista deixou de se restringir majoritariamente aos pesquisadores da área para englobar, com uma frequência cada vez maior, as próprias populações indígenas com seus intelectuais e pesquisadores, os quais, em diversos números, contribuíram de maneira decisiva sob a condição de autoras e autores de artigos da nossa publicação.

Contudo, esta belíssima trajetória editorial não seria possível sem a imprescindível presença do professor Sérgio Baptista da Silva que, com imensa força de vontade, dedicação e comprometimento, ousou preencher essa lacuna temática e fundou a revista no ano de 2007. Sob a condição de Editor Chefe, Sérgio enfrentou este complexo desafio nas mais distintas conjunturas políticas e sociais no cenário nacional e internacional e imprimiu um rígido padrão de qualidade à publicação sem, para isso, abrir mão do seu compromisso docente tanto no âmbito da graduação como da pós-graduação; de sua destacada atuação na pesquisa etnológica brasileira; e das suas responsabilidades como coordenador do NIT-UFRGS. Em cada uma dessas distintas demandas o professor Sérgio Baptista da Silva demonstrou cotidianamente seu imenso esforço, capacidade e, mais ainda, um grande compromisso e

¹ Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, e Coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: pablo.quintero@ufrgs.br

solidariedade humana como as pessoas de “todos os sangues” (para usar as palavras de José María Arguedas) – fossem elas lideranças indígenas e/ou quilombolas, estudantes ou colegas tanto do Brasil como do exterior.

Se, por um lado, é uma imensa honra poder fazer parte desta nova etapa da *Espaço Ameríndio*, por outro, somos completamente conscientes da grande responsabilidade e do compromisso que assumimos, bem como do árduo trabalho a ser realizado com o intuito de manter a qualidade da revista no mesmo patamar legado pelo professor Sérgio Baptista da Silva. Por sorte, para lidarmos com os novos rumos e desafios que se apresentarão daqui em diante, seguiremos contando com a presença deste grande colega na Comissão Editorial Executiva da *Espaço Ameríndio*.

Neste sentido, outro nome indissociável da trajetória da revista e que merece grande destaque é o de Martín César Tempass que, com afeto e dedicação, tem atuado como Editor Gerente da revista desde o começo da publicação sempre de forma profissional e eficiente. Sua inestimável contribuição certamente ajudou a *Espaço Ameríndio* a alcançar seu notável lugar dentre as publicações etnológicas contemporâneas. Estendemos o nosso reconhecimento também a todas e todos os membros do Conselho Editorial, assim como ao conjunto de pareceristas que durante estes anos tem acompanhado *Espaço Ameríndio* e doado parte do seu valioso tempo para prestigiar a nossa publicação.

Por fim, no que concerne especificamente a este número da revista, queremos destacar o o trabalho editorial de Guilherme Sant’Ana na revisão e diagramação dos textos, além das demais atribuições editoriais. Da mesma forma, agradecemos ao publicitário João Henrique Assunção pela confecção desta belíssima capa.

* * *

Este número de *Espaço Ameríndio* apresenta um total de dez artigos – sendo um deles escrito por uma autora indígena –, três ensaios bibliográficos, um laudo antropológico e uma resenha crítica, contabilizando um total de quinze interessantíssimos trabalhos. Tentamos realizar o ordenamento dos textos de acordo com as afinidades temáticas existentes entre eles, a fim de tornar a leitura da revista mais fluída. Além de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, encontramos contribuições valiosas provenientes de autoras e autores da Argentina, do Chile, de Cuba, da Espanha, do Paraguai e do Peru, bem como o excelente artigo da pesquisadora Macuxi Julie Dorrico. Os enraizamentos múltiplos – no que se refere às tradições de pensamento dos pesquisadores que integram a presente edição – devem ser ressaltados, pois contribuem para o compartilhamento de uma maior variedade de percepções acerca das temáticas e problemáticas referentes ao universo ameríndio.

Abrindo a seção *Artigos* as/os leitoras/es encontrarão o trabalho conjunto de Claudia Cáceres González (Universidad de Salamanca), Hernán Venegas Marcelo (UNILA) e Cristina Jenaro Río (Universidad de Salamanca) no qual exploram a participação e as modalidades de

articulação política das mulheres Guaranis tanto nos espaços políticos dos Estados-nacionais da Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai quanto nas redes transnacionais tecidas pelos próprios movimentos de mulheres indígenas.

Na sequência, Andressa Szekut (UNIOESTE) e Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL) analisam a invisibilidade das populações indígenas da região oriental do Paraguai forjada mediante práticas discursivas e representacionais da nação durante os trinta e cinco anos da ditadura de Alfredo Stroessner. Tal invisibilidade, observam os autores, foi reforçada pelo processo de imigração de cidadãos brasileiros no Distrito de Santa Rita, no Departamento do Alto Paraná.

O trabalho de Danilo César Souza Pinto (UESB) e da pedagoga Diana Barreto Xavier, em seguida, analisa as representações essencialistas e estereotipadas dos povos indígenas a partir do estudo etnográfico do planejamento e da realização de uma atividade escolar desenvolvida em virtude da comemoração no Dia do Índio ocorrida em uma escola de ensino fundamental no interior da Bahia.

O texto de Diego Soares da Silveira (UFU) é produto de uma pesquisa etnográfica em redes sociotécnicas no Alto Rio Negro. O autor concentra sua atenção na participação de jovens pesquisadores Baniwa dentro de pesquisas acadêmico-científicas, enfatizando suas relações com os saberes e perspectivas dos cientistas não-indígenas. Para tanto, as noções de predação e domesticação dos saberes se revelam como categorias centrais para a análise dos casos relatados pelo pesquisador.

O artigo colaborativo de Bruno Ribeiro Marques (UFRJ/Museu Nacional) e Danilo Paiva Ramos (UFBA), por sua vez, explora a perspectiva que os Hupd'äh do Alto Rio Negro-Uaupés têm sobre o conjunto de configurações das relações interétnicas nessa região. O texto problematiza como o ponto de vista Hup e os seus saberes – sobre o chamado sistema regional – descobre pontos cegos dos modelos etnológicos ao mesmo tempo em que sinaliza novos rumos para compreender os sistemas interétnicos da região.

A partir de um conjunto variado de trabalhos etnográficos realizados nas chamadas “terras baixas” sul-americanas, o artigo de Rodrigo Rossi Mora Brusco (USP) explora o fenômeno sociocultural e histórico denominado – por uma parte da literatura etnográfica – como “domesticação dos brancos”.

Myriam Fernanda Perret (Universidad Nacional de Misiones e Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) explora as relações entre humanos e não-humanos desde a perspectiva das mulheres “artesanas” dos grupos étnicos Wichí e Qom na Província de Chaco na Argentina. O texto focaliza a relação entre técnicos das agências de desenvolvimento rural e entidades não-humanas, principalmente os *Dueños* e os vegetais dos quais provém a matéria para confecção e produção mercantil simples do artesanato.

O ousado trabalho de Erik Cajavilca Veramendi (Universidad Nacional Mayor de San Marcos) analisa como os nomes em quéchua, aimará e chipaya das vivendas pré-colombianas da região andina pressupõem, histórica e etimologicamente, uma origem comum de

possível estirpe amazônica, o que poderia denotar uma existência social anterior aos próprios troncos linguísticos andinos, já que tais nomes evocam elementos vegetais que só podem ser encontrados na floresta amazônica.

Encerrando a seção de artigos, o trabalho de Lucas Cimbaluk (IPHAN) vale-se da figura do xamã Kaingang Pedro “Chapéu Branco” como referência comparativa em relação às posturas adotadas por outros xamãs e curadores da região da bacia do Rio Tibagi no norte do Estado do Paraná. Este trabalho distingue-se por explorar o papel fundamental da moral dentro da ação xamânica, de modo a explicar a diversidade de agências xamânicas na região.

Integrando a seção *Autores Indígenas*, o texto da Macuxi Julie Dorrico (PUCRS) aborda as mudanças nas representações das sociedades indígenas, no âmbito da literatura brasileira, proporcionadas pelo ingresso de escritores e escritoras indígenas que, desde a década de 1990, estão subvertendo as imagens e representações coloniais e exóticas configurados pela literatura brasileira canônica para retratar os povos indígenas.

Abrindo a seção *Ensaio Bibliográfico*, o texto de Lucas da Costa Maciel (USP) estabelece uma comparação entre o que o autor denomina por “pensamento crítico” (referindo-se, sobretudo, à perspectiva decolonial) e a “teoria Mapuche” (centrando-se nas noções nativas de saúde e doença). Com esse movimento, o pesquisador pretende destacar o potencial crítico das categorias nativas de pensamento como ferramentas potentes para se compreender, de maneira mais complexa, o funcionamento da realidade social.

Luis Antonio Norder (UFSCar) e sua equipe de colaboradores, por seu turno, desenvolvem um mapeamento completo sobre as publicações que retratam iniciativas agroecológicas junto a populações indígenas, identificando nestas produções a constante presença da revalorização dos saberes das comunidades indígenas e dos seus sistemas agroecológicos.

No limite final da seção, o trabalho de Messias Basques (UFRJ/Museu Nacional) apresenta uma discussão sobre o gênero biografia como modalidade do trabalho e da escrita antropológica – especificamente dentro da etnologia indígena. Centrando-se nas noções chave de pessoa e indivíduo, o autor discute as implicações metodológicas e epistemológicas desta estratégia narrativa.

Na seção *Laudos*, publica-se a versão integral do importante trabalho realizado por Jorge Eremites De Oliveira (UFPel) e Graciela Chamorro (UFGD) sob a forma de laudo antropológico referente à perícia judicial concluída em Junho de 2008 para a Justiça Federal do Município de Dourados (MS) – por tratar-se de um processo sigiloso, o texto só agora pôde ser publicado. O laudo aborda o processo movido contra nove réus indígenas – majoritariamente das etnias Guarani e Kaiowa – acusados de terem cometido, em 2006, duplo homicídio contra policiais civis.

Finalmente, João Vitor de Freitas Moreira (UFMG) apresenta uma resenha do mais recente e pertinente livro *Engaged anthropology: politics beyond the text* do destacado antropólogo norte-americano Stuart Kirsch.

* * *

Desejamos uma proveitosa leitura dos textos publicados neste novo número de *Espaço Ameríndio*, edição esta que visa a celebrar o excelente trabalho desenvolvido pelo professor Sérgio Baptista da Silva durante os últimos doze anos ao enfatizar, uma vez mais, a grande diversidade da etnologia e da antropologia indígena na América Latina.